

Conversas criativas e abuso sexual

Uma proposta para o
atendimento psicossocial

Marlene
Magnabosco Marra



EDITORA
ÁGORA

CONVERSAS CRIATIVAS E ABUSO SEXUAL
Uma proposta para o atendimento psicossocial

Copyright © 2016 by Marlene Magnabosco Marra
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Capa e diagramação: **Santana**
Imagem de capa: **Shutterstock**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO - UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL DE CARÁTER BREVE E FOCAL	9
APRESENTAÇÃO - RESSIGNIFICANDO O ABUSO SEXUAL	11
APRESENTAÇÃO	13
1. A CONSTRUÇÃO DE CONVERSAS CRIATIVAS PARA O TEMA DO ABUSO SEXUAL	21
O lugar do abuso sexual: uma conexão com as histórias dominantes	21
O construcionismo social no contexto do abuso sexual	36

2. A FAMÍLIA, AS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA	
E NOVAS ALTERNATIVAS	43
A violência contra crianças e adolescentes	43
Caminhos, desafios e possibilidades nas conversas criativas	47
3. AS NARRATIVAS E SUAS CONSTRUÇÕES	59
O construcionismo social na entrevista de cunho narrativo/conversação	59
A entrevista de cunho narrativo: compreendendo a complexidade da violência sexual	66
4. SIGNIFICADO E RESSIGNIFICAÇÃO	75
Sofrimento <i>versus</i> alternativas: construção, interpretação e compreensão	75
Conjugalidade, parentalidade e fraternidade	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	129

PREFÁCIO –
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A INTERVENÇÃO
PSICOSSOCIAL DE CARÁTER BREVE E FOCAL



O presente livro foi baseado em uma tese de doutorado que tive o prazer e a honra de orientar, assim como ocorreu com a dissertação de mestrado da autora. Como Marlene é uma pessoa muito corajosa, escolheu um tema ainda tão temido – o do abuso sexual – e, além disso, propôs-se a oferecer subsídios aos profissionais que trabalham nessa área. Dois aspectos originais sobressaem: o da abordagem construcionista social, que enfoca a narrativa como prioridade; e o da aplicação da perspectiva narrativista em uma instituição pública que é responsável, Brasil afora, por executar a política de proteção à infância vitimizada.

Por meio da descrição de uma pesquisa-ação levada a cabo em um Centro de Referência Especializado em Assistência Social (Creas), o livro apresenta um procedimento que pode ser implantado (ou adaptado a) nesse

contexto, mostrando que rapidamente pode-se estabelecer um diálogo criativo, encarnado e transformador, no qual o profissional cria uma atmosfera de reflexão que permite à família atingida pelo abuso compreender melhor tal violência.

Enfim, mesmo sendo suspeita para indicar esta obra a quem queira trabalhar com o tema nesse contexto, eu o faço. Acompanhei o processo de transformação ocorrido tanto na clientela quanto nos técnicos que executaram o projeto com Marlene. Eu mesma terminei a orientação surpresa por me dar conta da exequibilidade da proposta.

Boa leitura a todos!

Liana Fortunato Costa

Psicóloga, terapeuta conjugal e familiar
Doutora em Psicologia Clínica e docente
da Universidade de Brasília

APRESENTAÇÃO – RESSIGNIFICANDO O ABUSO SEXUAL



Este livro apresenta uma proposta para o enfrentamento dos desafios trazidos pelas situações de abuso sexual. Evitando a retórica de um protocolo fechado sobre a prática profissional, Marlene Marra convida o leitor a compreender tais situações e aponta posturas úteis no trabalho com as famílias vitimizadas.

De forma muito sensível, ela nos aproxima das experiências das pessoas com as quais trabalhou. Depoimentos e trechos de conversa cuidadosamente selecionados nos permitem ver, ouvir, sentir, estranhar e reconhecer as múltiplas possibilidades dos relacionamentos humanos, que podem trazer sofrimento, desamparo e incompreensão – assim como criatividade, força e solidariedade para reinventar modos de conviver. Imagens estereotipadas sobre temática tão delicada ganham novos contornos, cores e nuances que complexificam e combatem entendimentos individualistas e moralizantes do senso-comum.

Imprimindo uma marca inovadora no campo de estudos da violência sexual, a autora se utiliza do discurso construcionista social como inspiração teórica e prática. Assim, combina vários conceitos promovidos pelo giro linguístico em ciências humanas, produzindo uma prática voltada para modos de conversar que se preocupam com a colaboração, a reflexão e a narração. De forma específica, seu estudo estimula a indagação sobre as fronteiras entre investigar e intervir, fazendo do entrevistar um modo de transformar sentidos.

Além disso, permite ao leitor vislumbrar os impasses produzidos pela aproximação com o construcionismo social – impasses estes que oscilam entre o questionamento de certo essencialismo na definição do problema e sua suposta contraposição por meio de um relativismo moral. Abrem-se, assim, possibilidades para uma compreensão histórica, social e cultural da violência sexual que apostam na responsabilidade relacional como conceito orientador para o estudo e a prática de cuidado a pessoas que vivenciam o problema.

Por esses motivos, para os que pouco conhecem o tema do abuso sexual, o livro consiste em uma oportunidade de apresentação sensível e lúcida sobre o assunto. E, para aqueles já envolvidos no esforço de enfrentamento desse tipo de violência, o livro é um convite a rever percepções, conhecer outros olhares e imaginar novas ações.

Emerson Raserá

Mestre e doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo

Docente da Universidade Federal de Uberlândia

APRESENTAÇÃO



O pensamento pós-moderno, aqui representado pelo construcionismo social, trouxe para o atendimento psicossocial e para a terapia uma mudança nos modelos até então vigentes. O foco do atendimento está nas potencialidades de cada um dos envolvidos e não nos seus déficits; reside na corresponsabilização e no compromisso com o outro da relação – destacando que o conhecimento é um processo ativo, coconstruído, aberto e com lacunas a ser preenchidas e descobertas. A ênfase nos padrões de interação das famílias e em sua organização era baseada nas noções de sistema, estrutura e papel. Hoje, temos outros referenciais: a construção de significados, os modelos dialógicos, as narrativas, a linguagem, a conversação e os processos culturais. O construcionismo social surge, assim, como um movimento que aponta para a discussão de uma ética e de uma política relacional. É considerado

uma especificidade cultural e histórica das formas de conhecimento do mundo; uma interligação entre conhecimento e ação; uma postura qualificada como criativa e geradora de uma nova compreensão e direção; a valorização de uma postura crítica e reflexiva (Gergen, 2006a). Caracteriza-se pela criação de um espaço conversacional no qual terapeuta e cliente possam construir novas narrativas e significados para suas histórias.

Neste livro, propusemo-nos a compartilhar com os leitores os resultados de uma pesquisa qualitativa amparada pelo construcionismo social e realizada no Centro de Referência Especializada de Assistência Social (Creas) – unidade socioassistencial pública que oferece serviços especializados a famílias e indivíduos que experimentam a vulnerabilidade social. Visamos, assim, fazer uma proposta de trabalho passível de ser utilizada nos Creas, mais acessível e direcionada ao atendimento psicossocial dessas famílias. Objetiva-se contribuir para que os atendimentos sejam um campo de prática, com ferramentas e instrumentos que permitam a significação e a ressignificação das experiências. Busca-se ainda constatar como a entrevista de cunho narrativo possibilita uma conversação criativa, uma investigação dialógica que destaca a narrativa como processo em construção, e de que forma a pesquisa narrativa se presta a esses contextos de impacto, além de discutir questões relacionadas à violência – mais especificamente ao abuso sexual.

A pesquisa compôs a tese de doutorado defendida em 2015 na Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da professora doutora Liana Fortunato Costa (Mara, 2015b). Nela, identificamos as narrativas produzidas por 15 famílias com crianças e adolescentes, basicamente as que buscam o Serviço Único de Assistência Social (Suas), do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, e vivenciaram violações de direitos em decorrência de abuso sexual – fenômeno complexo, que percorre os contextos privados e públicos e ocorre sobretudo em uma teia de relações sociofamiliares. É considerado crime, uma das formas mais graves de violência contra crianças e adolescentes, com expressão mais frequente no contexto intrafamiliar.

A entrevista foi o instrumento básico adotado para obter as narrativas. No entanto, ao utilizá-la para trazer à tona as histórias e seus significados, percebeu-se que a entrevista acessava a família de forma superficial. Havia pouco envolvimento. As pessoas se limitavam a esperar a próxima pergunta e respondiam como se fosse a um inquérito, não entrando em contato com seus sentimentos nem com as consequências do que viveram. Assim, na próxima etapa mudou-se o instrumento de pesquisa para a entrevista de cunho narrativo – que possibilitou atender aos objetivos do estudo, bem como verificar o aspecto interventivo desse instrumento. A esse procedimento deu-se o nome de “conversação: uma pesquisa

narrativa, uma investigação dialógica”. Não se tratava de ter informações ou verificar apenas mais um episódio de abuso sexual, mas de abranger melhor o fenômeno, aproximando as famílias de suas narrativas e de seus significados, permitindo-lhes compreender seus discursos e buscar mudanças, construindo soluções para seus dilemas.

Para o desenvolvimento dessa proposta de conversação criativa levou-se em conta o contexto onde se atuava – o que mudou a postura do entrevistador, como veremos a seguir. O contexto abrangia as questões apontadas pela vulnerabilidade social e econômica, especialmente no cenário brasileiro – marcado por significativa violência estrutural –, bem como aspectos sócio-históricos e culturais.

A qualificação da família para seu sofrimento quando revela as experiências de abuso sexual, por meio das conversações e do narrar das histórias de violência a membros da família e outros fora do contexto familiar, permite fortalecer suas narrativas e construir novos sentidos. Além disso, o fato de renarrar contribui para a não perpetuação de modelos hegemônicos de convivência. Assim, o grupo familiar pode transformar suas narrativas fundamentado em vivências e criar novos discursos para essas experiências.

Entende-se que o processo de mudança e transformação das narrativas, das histórias, dos significados e sentidos produzidos pela família acerca do abuso sexual

é feito com base na própria experiência e vivência da família. Esse processo se dá com os recursos relacionais presentes nas interações próprias de cada grupo, provendo novos sentidos para o viver – desde que as pessoas possam qualificar suas experiências e narrar suas histórias tal como estas estão organizadas em sua mente.

As conclusões do estudo comprovaram que o processo de construção e mudança das narrativas, de seus significados e sentidos, tem grande potencial de transformação social. Aponta-se a importância da criação de espaços conversacionais inclusivos, implicados nas diferenças culturais e ideológicas, o que geraria práticas mais contextuais e criativas.

Essa construção narrativa das famílias sobre o abuso sexual vivido foi estudada na perspectiva do construcionismo social, que inclui as práticas colaborativas, as teorias narrativas e os processos reflexivos como suporte para o desenvolvimento das conversações. As práticas do construcionismo social com grupos familiares têm a perspectiva da negociação de sentido, do respeito e da legitimação da pessoa em suas narrativas. Que lugar a narrativa da família ocupa no sentido de promover a “cura” desse sofrimento?

Pensar esse tema, no cenário contemporâneo de interface com a psicologia, o direito e as políticas públicas, exige dos profissionais: posturas filosóficas; interlocuções, metodologias e diálogos interdisciplinares que con-

templem o não isolamento especialista; o cuidado e a escuta daquele que se apresenta para revelar seus segredos; a disponibilidade de ajudar o outro a buscar novos sentidos e significados, minimizando seu sofrimento. Adentrar o campo das narrativas familiares requer dos profissionais refletir de forma compromissada sobre os significados socialmente construídos que ressoam na família e na comunidade.

Acredita-se que este livro poderá introduzir novos recursos para a mudança, a organização e o agenciamento da família com relação ao tema do abuso sexual e a muitos outros. Trata-se da oportunidade de falar da violência sofrida em conversações, em trocas conjuntas, sociais ou dialógicas, que potencializam o trabalho específico – possibilitando que as histórias narradas sejam mais importantes que a história factual. As verdades narrativas passam a ter mais influência que a verdade histórica. O fato de as pessoas contarem suas histórias em conjunto, com a participação de muitas vozes, acaba por organizar seu mundo experiencial.

Esta obra destina-se sobretudo aos diferentes agentes sociais que transitam nos diversos seguimentos psicossociais e socioeducacionais – mais especificamente os profissionais dos Creas – e aos leitores de modo geral, incluindo a família. Os instrumentos e ferramentas desenvolvidos e utilizados em um dos Creas do Distrito Federal poderão ser aplicados em outros Centros pelo Brasil e

nos demais espaços de atendimento que tratam desse e de outros temas, incentivando as pessoas a se tornar agentes da própria história e a mudar sua realidade criando espaços conversacionais.

1. A CONSTRUÇÃO DE CONVERSAS CRIATIVAS PARA O TEMA DO ABUSO SEXUAL



O LUGAR DO ABUSO SEXUAL: UMA CONEXÃO COM AS HISTÓRIAS DOMINANTES

Os direitos humanos ora têm sido incluídos e defendidos por movimentos e entidades nacionais e internacionais, ora banalizados e incorporados ao cotidiano. Embora a violência seja um fenômeno social, produto de intercâmbio entre as pessoas, sua banalização se manifesta, por vezes, por uma ausência de indignação. As maneiras coletivas de agir e pensar resultam de uma realidade (tradição) exterior aos indivíduos, que, em cada momento, a elas se conformam. O conceito de violência apresenta dimensões fundamentalmente negativas quando nega os valores presentes na cultura e atenta contra a vida. Constitui uma ameaça de negação da existência física ou simbólica do sujeito, dos grupos e da comunidade. O contínuo incre-